

MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA E LIBERDADE

EXAME PREVIU
PROIBIDO
COMISSÃO DO PORTO



SERVIÇOS DE CENSURA
(COMISSÃO DO PORTO)

CEN

SUSPENSO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



SU

Visado pela Censura

COMISSÃO DO PORTO

PARCIALMENTE
-XAME PRE-
AUTORIZADO

RA

APROVADA



CONCURSO DE CONTOS
2020

SERVIÇO EDUCATIVO

MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA E LIBERDADE



CONCURSO DE CONTOS
2020

SERVIÇO EDUCATIVO

MUSEU DO ALJUBE RESISTÊNCIA E LIBERDADE

CENSURA

Concurso de Contos 2020

Serviço Educativo

—

Coordenação

Rita Rato e Judite Álvares

Revisão de texto

Catarina Homem Marques

Design gráfico

Eduardo Ferreira

Ilustração dos contos

Rita António

Edição

EGEAC

500 exemplares

1.ª edição – Lisboa, Março de 2021

Impressão

Is To Communicate

Depósito legal

479122/21

ISBN

978-989-8763-52-5

—

www.museudoaljube.pt / info@museudoaljube.pt

Rua de Augusto Rosa, 42

1100-059 Lisboa • Telef. 215 818 535

O concurso de contos, promovido pelo Museu do Aljube Resistência e Liberdade, tem como objetivo estimular a escrita criativa e sensibilizar jovens e adultos para a cidadania ativa através da partilha de projetos literários.

O concurso é organizado em dois escalões, dirigidos a jovens a partir dos 15 anos e a adultos a partir dos 18 anos.

Os trabalhos premiados em cada um dos escalões são agora publicados em versão impressa e em E-book.

A terceira edição do Concurso de Contos teve como tema “A Censura” e contou com a participação no júri do Sindicato de Jornalistas (Diana Andringa), da Associação de Professores de História (Miguel Monteiro Barros), da Sociedade Portuguesa de Autores (Ana Cristina Silva), do Pen Club (José Mário Leite) e do Museu do Aljube Resistência e Liberdade (Luís Farinha).



MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE

EGEAC

“Em cinco séculos de história da imprensa portuguesa, quatro foram dominados pela censura” regista Maristela Kirst de Lima Girola. No século XIV, D. Fernando diligencia ao papa Gregório XI que instituiu a Censura episcopal; e, com a Inquisição, passaram a existir a censura do Santo Ofício, a censura régia e a censura do ordinário. Em 1910, com a implantação da República, a liberdade de expressão tem consagração legal, sem evitar, no entanto, apreensão de publicações, proibição de jornais não-republicanos, mas também encerramento de jornais sindicalistas e anarquistas, prisão e deportação dos seus proprietários.

Durante o período da ditadura e do Estado Novo, a censura e o controlo sobre a escrita e outras expressões artísticas e culturais foram assumidos como política de Estado. Artistas e intelectuais foram vítimas da perseguição, prisão, tortura e morte.

O Decreto-lei n.º 22.469, de 11 de abril de 1933, determinava que “continuam sujeitas à censura prévia as publicações periódicas definidas na lei de imprensa, e bem assim as folhas volantes, folhetos, cartazes e outras publicações, sempre que em qualquer delas se versem assuntos de carácter político e social”. O mesmo diploma determina como objetivo do regime de censura “impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os fatores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade”. Em novembro de 1936, foi emitido o Regulamento dos Serviços de Censura, documento nunca publicado no Diário do Governo, e que permitia arbitrariedades às comissões de censura, e note-se, foram proibidos, nos jornais, os espaços em branco ou qualquer outra indicação de que pudesse deduzir-se uma ação de censura.

Em 1944, a censura reforça o seu carácter institucional através da integração na Direção-Geral dos Serviços de Censura, no âmbito do Secretariado Nacional de Informação (SNI), sob a dependência do presidente do Conselho. Este Secretariado tinha poderes sobre a imprensa, incluindo agências noticiosas e o exercício da profissão de jornalista por estrangeiros. As tipografias, numa fase prévia à circulação, enviavam um exemplar de cada livro impresso, e podiam ser encerradas caso publicassem material que perturbasse a “ordem pública”, e os livros podiam ser apreendidos depois de publicados.

O lápis azul cortou palavras e frases, mas não conseguiu destruir ideias e travar processos de consciencialização e mobilização. A criatividade e o desejo de liberdade continuaram a inspirar muitos intelectuais e democratas. Enfrentando este feroz aparelho repressivo, muitas mulheres e muitos homens continuaram corajosamente a escrever e a publicar, mesmo que isso lhes custasse a perseguição pela PIDE, a prisão e a tortura.

Maria Velho da Costa escreveu numa “Ova Ortegrafia»: *“Ecidi escrever ortado; poupo assim o rabalho a quem me orta...”*; muitas outras pautas, quadros, peças, livros foram escritos, tornando este movimento de intelectuais e democratas imprescindível na torrente de resistência que havia de desaguar em abril de 1974.

Os que hoje convidamos a escrever serão também resistentes, à velocidade e voracidade da vida e do tempo, aos monopólios editoriais e à atomização da nossa existência enquanto comunidade, serão também por isso construtores de memória e democracia, coisa rara e preciosa que precisamos muito de cultivar.

Agradeço à equipa do Museu do Aljube Resistência e Liberdade, ao júri e a todos os participantes pela sua ação e contributo.

Agradeço a todas as mulheres e homens que resistiram com coragem, partilhando a sua arte e permitindo que a nossa existência, hoje, em liberdade, fosse possível.

Rita Rato

Decreto-lei n.º 22-469

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É garantida a expressão do pensamento por meio de qualquer publicação gráfica, nos termos da lei de imprensa e nos deste decreto.

Art. 2.º Continuam sujeitas a censura prévia as publicações periódicas definidas na lei de imprensa, e bem assim as fôlhas volantes, folhetos, cartazes e outras publicações, sempre que em qualquer delas se versem assuntos de carácter político ou social.

Art. 3.º A censura terá sómente por fim impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade.

Art. 4.º A censura será exercida por comissões nomeadas pelo Governo, podendo ser remuneradas as respectivas funções.

Art. 5.º As comissões de censura ficam subordinadas ao Gabinete do Ministro do Interior, por intermédio da Comissão de Censura de Lisboa, que funcionará como comissão central.

Art. 6.º As comissões encarregadas da censura não poderão alterar o texto censurado com aditamentos ou substituições, devendo limitar-se a eliminar os trechos ou passagens reputados inconvenientes, de harmonia com o disposto no artigo 3.º

§ único. A permissão, pela Comissão de Censura, da publicação de qualquer escrito não releva de responsabilidade civil e criminal os autores ou responsáveis pelo escrito, nos termos da lei de imprensa.

Art. 7.º Das decisões da Comissão de Censura há recurso para o governador civil do respectivo distrito, salvo em Lisboa e Pórtó, onde os recursos serão decididos por uma comissão composta pelo governador civil, pelo presidente da respectiva Comissão de Censura e por pessoa idónea, que o Governo nomeará.

Junto de cada Comissão de Censura haverá um representante da imprensa.

§ 1.º O recurso será interposto por meio de exposição fundamentada em papel comum, acompanhada da prova ou original censurado o com indicação da Comissão de Censura que proibiu a publicação.

§ 2.º Quando em recurso for autorizada a publicação do escrito censurado, a entidade que julgar o recurso, ponderando as circunstâncias que ocorreram, poderá propor ao Governo que a empresa jornalística ou o proprietário da publicação seja indemnizado dos prejuízos, propondo também o quantitativo da indemnização.

Art. 8.º O Governo expedirá, por intermédio do Ministério do Interior, as instruções adequadas à execução deste decreto.

Art. 9.º Este decreto entra imediatamente em vigor. Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 11 de Abril de 1933.—
ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar* — Albino Soares Pinto dos Reis Júnior — Manuel Rodrigues Júnior — Daniel Rodrigues de Sousa — Aníbal de Mesquita Guimarães — César de Sousa Mendes do Amaral e Abranches — Duarte Pacheco — Armindo Rodrigues Monteiro — Gustavo Cordeiro Ramos — Sebastião Garcia Ramires.

O fim do começo

VANESSA ANTUNES



Mais um dia dentro destas quatro paredes. Ninguém tem noção dos arrepios que elas me causam. Antigamente vir trabalhar era ótimo, fazia o que gostava, o salário era bom, o suficiente para dar conforto à Luísa e aos miúdos. Hoje? Ah... hoje as horas demoram a passar. Cada vez que a porta da redação se abre, o meu coração acelera, as minhas mãos suam, a minha língua fica igual a cortiça. É impressionante o poder de um simples lápis azul. Poucos são os que sabem o terror que se esconde por detrás dele. A vida de um jornalista para muitos parece fácil. Pensam que basta entrar, escrever meia dúzia de palavras e amanhã está nas bancas de todo o país. Bem, ao início tudo era assim, simples. Com o passar do tempo as coisas foram mudando... mudando para pior. Escrevi algumas notícias os jornais mais conceituados de Portugal. Fui procurado por vários para fazer propaganda a serviços, restaurantes, até mesmo para relatar acontecimentos, fossem eles bons ou maus. Hoje sinto-me domesticado. Já não sei escrever o que eles não querem. É este o verdadeiro significado por detrás da censura, da tortura. Ficar domesticado. Tentei esconder o que se passava da minha mulher, mas tive um bom olho para escolher a

minha parceira para a vida. Ela conhece-me bem demais para lhe conseguir ocultar algo assim. As coisas começaram a mudar quando comecei a chegar uma, duas, três, cinco horas depois do que era habitual. Aparecia em casa sempre abalado, com medo de falar, por mais que tentasse disfarçar, até os miúdos me sentiram diferente. Estava a distanciar-me cada vez mais da minha família, da minha vida, de mim próprio. Maldita seja a censura! Começaram por cortar partes das minhas notícias e eu não percebia o porquê. Tudo o que era relatado era a verdade, mas não lhes agradava. Um dia, ao sair da redação, fui encostado à parede por dois homens altos e até hoje não esqueço aquelas palavras que mudaram completamente o rumo da minha vida e da minha profissão. As palavras que me fizeram ir contra a ética de um verdadeiro jornalista. Mas não havia outra opção. A escolha era entre as minhas notícias repletas de verdade ou a minha família. Tenho a certeza de que qualquer pessoa, no meu lugar, tinha respondido o mesmo sem pensar duas vezes. Este era o motivo dos meus atrasos constantes, ficava horas para encontrar a melhor forma de escrever o lado bom dos piores acontecimentos. Sentia-me a trair os portugueses. Dois meses depois dessa ameaça, enquanto escrevia uma notícia sobre o Governo, dei por mim a mudar completamente o que havia acontecido por uma única razão: medo. Deixei a teimosia e a falta de consciência liderar o meu corpo, risquei tudo o que tinha escrito e substituí pela verdade. Até hoje me arrependo dessa decisão. Não se passaram nem dois dias e as portas da redação abriram-se. Os dois homens que me tinham avisado, voltaram. Fui arrastado até um automóvel preto, dentro dele amarraram-me as mãos e os pés e só me soltaram dentro de uma sala. Aquela sala ainda me aparece nos sonhos, ou devo dizer pesadelos? Quatro paredes que outrora foram brancas, pois naquela

altura estavam cobertas de humidade. Sentaram-me numa cadeira em frente a uma secretária e o meu tormento começou. Pediram-me para dizer quem me tinha contratado para atacar o Governo e eu sem resposta.

— Tudo o que escrevo é a verdade. Limito-me a mostrá-la aos portugueses!

Um deles chegou perto de mim e disse-me que se saísse daquele sítio pelo meu próprio pé seria um milagre. A cada palavra que saía da minha boca era um pontapé, um murro, e sabe Deus mais o quê. Perguntei imensas vezes o porquê de me estarem a fazer aquilo e a única resposta que obtive foi:

— Fazemos o que for preciso para preservar Portugal, é em legítima defesa da Pátria.

A minha verdade não era o que eles queriam ouvir. Não sei ao certo por quantas horas fui espancado, pois perdi os sentidos imensas vezes, mas foram as suficientes para desejar a morte. Decidiram aplicar-me a tortura do sono. Nada mais era do que privarem-me do sono durante o tempo que lhes apetecesse. Cada vez que os meus olhos cediam, era mais uma pancada que me davam. Penso que se tenham passado dois dias, também não tenho a certeza pois estive boa parte desse tempo a alucinar. Mais tarde, não sei como nem porquê, levaram-me de volta para um carro e deixaram-me estendido à porta da redação. Fiquei inconsciente por mais um tempo até ouvir aquela voz... era a minha Luísa. Sem me pedir justificações, levou-me para casa com a ajuda de umas pessoas que por ali passavam. Agradecia a Deus mentalmente enquanto fazíamos o caminho até casa, aquela tortura tinha acabado, pelo menos por agora.

Quando me recuperei, consegui explicar o que tinha acontecido à minha mulher, ao meu anjo da guarda. Concordámos dizer aos meninos que tinha tido muito trabalho, daí não

ter ido a casa estes dias, mas fingir que nada tinha acontecido não apagava os danos físicos e, muito menos, os psicológicos. Ainda com alguns hematomas tive de voltar ao trabalho, não podia correr o risco de passar por tudo outra vez ou de sujeitar a minha família a isto.

Os relatos chegavam até mim, coisas horríveis, testemunhos de quem tinha sofrido o mesmo ou pior que eu e queria alertar o resto da população. Depois daquele sofrimento nem morto vou contar a verdade sobre este país podre e corrupto graças a quem o lidera. Comecei a elogiar o Estado, a mostrar que Portugal sim, era o melhor sítio para se viver. Estava a ser aquilo que antes condenava. Agora percebo que talvez aqueles meus colegas de profissão só tenham mentido nas suas notícias por medo, como eu. Os tempos foram passando, os miúdos foram crescendo, a Luísa cotinuava a apoiar-me como sempre, ou talvez mais. Tornei-me apático, eram poucas as coisas que me faziam sorrir, e ainda assim ela continuava do meu lado. Aqueles dias de tortura tinham-me mudado, eu sabia que sim, mas era algo inevitável. Tinha medo das pessoas, em casa mal comentava o que achava em relação ao nosso país pois tinha medo que do outro lado da porta alguém estivesse a ouvir e fosse ali o meu fim, o fim da minha família. Antigamente, um dia na redação era o suficiente para escrever duas ou três notícias e preparar uma para o dia seguinte. Hoje levo um dia para escrever uma única notícia e rezo bastante antes de a enviar para ser avaliada. Substituo palavras, às vezes até vírgulas, com receio de que uma má interpretação mude tudo.

Este novo estilo de vida e de trabalho sufoca-me. Recebo agora pedidos de ajuda. Pessoas que viram familiares ou amigos serem levados por esta gente que se diz lutar pelo país. Não sabem se os encontraram vivos ou mortos ou se

chegaram mesmo a encontrá-los. Este peso que carrego nos ombros tornou-se insuportável, mais do que aquela tortura. Sinto-me culpado por não ajudar a retirar este véu que esconde a realidade em que vivemos. É por esse motivo que escrevo esta carta dentro da minha redação. Há pouco fui distribuir pela rua uns panfletos com a minha última notícia, sem antes ser avaliada, e sei no que irá resultar. Desta vez, não escrevi o que eles queriam, não elogiei a podridão que reside à minha volta. Abri a boca, e Deus queira que tenha aberto os olhos a muita gente, aliás, se conseguir salvar uma só pessoa já ficarei verdadeiramente feliz. Dentro de umas horas estas portas voltarão a abrir-se e irão levar-me. Não voltarei mais a este sítio, nem a ver a luz do dia. Não voltarei a dizer à Luísa o quanto a amo, nem a ver o sorriso dos meus filhos, mas era o melhor a fazer. Desta forma, não corro o risco de lhes acontecer o mesmo que me aconteceu a mim. Só Deus sabe a dor que sinto por ter saído de casa sem me despedir, por saber que o meu fim se aproxima.

Digo com todo o meu orgulho que aquilo que fiz foi realmente em "legítima defesa da Pátria" e por amor à minha família.

O silêncio nas palavras

MARIANA ESSER



Lembro-me de, quando tinha oito anos, um senhor ir à minha escola falar sobre o lançamento do seu novo livro de ilustrações. Recordo, de forma particular, a capa, por ser extremamente bonita e colorida. Antes de começar a falar sobre o conteúdo do livro, o senhor pediu para levantar o braço aquele que soubesse quem foi Salazar e qual era o significado da palavra “censura”. Para sua surpresa, dos professores e, inclusivamente, minha, apenas o meu braço se estendia no ar no meio daquele mar de crianças que nunca na vida tinham ouvido aquelas duas palavras e, tanto quanto eu percebi, desconheciam a realidade a elas ligada. O autor do livro, cujo nome não recordo, pediu para que eu explicasse às outras crianças, e eu, com um ar muito soberbo, disse que Salazar e os amigos dele controlavam as pessoas e não as deixavam fazer o que queriam, recordo-me também de dizer que eles eram estúpidos. A professora olhou-me com cara de má, mas eu não me importei, já que estava só repetindo o que a minha avó dizia sempre quando contava a história da publicação do seu primeiro livro. Ah, como ela amava contar essa história... E só Deus sabe o quanto eu amava ouvi-la. Há dois anos que a minha avó morreu

e, como forma de honrar a sua memória, achei por bem escrever a história dela, a mulher mais importante da minha vida, a mulher que me ensinou a ser forte e a nunca desistir dos meus sonhos, mesmo quando todos querem que eu desista.

Vovó nem sempre se chamou “vovó”, como eu pensava até completar seis anos. Ela nasceu Joana, em Beja, no dia 9 de maio de 1910. Quando era muito nova, mudou-se para a casa de uma tia, em Lisboa, pois os pais não tinham condições de alimentar mais uma boca e a pequena casa onde moravam não albergava tanta gente. Jojo, como era chamada pelos mais próximos, foi a primeira pessoa da família a entrar numa universidade. Numa turma de 40 alunos, só havia ela e cinco outras mulheres.

A minha avó sempre me encorajou a estudar e a fazer o ensino superior, ela dizia sempre que o tempo em que cursara História, na Universidade de Lisboa, foi o mais feliz da sua vida. Apesar de ser uma das poucas mulheres na faculdade, podia ser ela mesma, sem se preocupar com o julgamento dos pais ou com os comentários das tias, que achavam completamente desnecessário uma mulher tão linda como a minha avó (já vi fotos e posso confirmar que, de acordo com a opinião da família, a minha beleza vem dela) perder tempo com a cabeça enfiada nos livros. Como papagaios, as tias diziam sempre: “Agora só para freira” ou “Nem marido tem, coitadinha!” Vovó disse que esses comentários só pioraram depois de Salazar subir ao poder e as “Lições de Salazar” ficarem nacionalmente conhecidas. Todos opinavam que a minha avó deveria casar, aprender a cuidar da casa, ter filhos e largar os livros. Felizmente, a minha avó não deu ouvidos a estes comentários, mas dia após dia ela distanciava-se cada vez mais da família por não aguentar tanto julgamento.

Após terminar a faculdade, Jojo conseguiu um emprego que pagava relativamente bem numa mercearia em Lisboa e decidiu que iria começar a juntar dinheiro, pois queria publicar um livro sobre as consequências da presença portuguesa nas colónias. Este tema sempre a fascinou e a faculdade fez aumentar o seu interesse histórico e profissional sobre o assunto. Além do mais, vovó também sempre gostou muito de escrever, guardo ainda na minha gaveta todas as lindas cartinhas que ela me escrevia no dia dos meus anos.

Vovó passou dois anos trabalhando todos os dias de semana durante a manhã e a tarde na mercearia e escrevendo à noite. Nos finais de semana ela saía para pesquisar, frequentava bibliotecas, pedia livros emprestados a alguns amigos e antigos professores e conversava com pessoas que já tinham vivido ou viajado para as colónias ou antigas colónias portuguesas. Mas era tudo muito difícil, as idas à biblioteca eram quase inúteis, os livros mais importantes estavam quase todos censurados; tudo era feito às escondidas; as conversas eram segredadas; os livros emprestados eram envoltos em mantas ou encapados com títulos diferentes; os encontros decorriam em lugares públicos, sempre tentando não dar nas vistas, a maior preocupação era passar totalmente despercebido. Vovó sabia que o tema que andava a pesquisar era perigoso e que, se algum agente da PIDE sonhasse com isso, coisas ruins aconteceriam, mas isso não a afetava muito. Jojo sempre foi muito determinada e sabia que por aquele livro valia a pena correr riscos.

Foi durante esse tempo de pesquisa que ela conheceu o meu avô. Gostaria de dizer que foi amor à primeira vista, mas já ouvi esta história vezes suficientes para saber que não foi. No início, o relacionamento deles era estritamente profissional, vovô

Carlos era um homem viajado, tinha mais 12 anos que a minha avó e já tinha percorrido o mundo quase todo. Naquele tempo, ele já tinha conhecido Angola, Moçambique, Índia, Estados Unidos, Brasil, Chile e quase todos os países da Europa. Durante as conversas com a minha avó, ele contava sobre o tempo que ficou nas antigas colônias, as influências portuguesas que por lá encontrou enraizadas na cultura de cada país. Vovó conta que, sem perceber, se viu perdidamente apaixonada por aquele viajante. E vovô diz que a inteligência daquela mulher cheia de perguntas o encantou.

Além de aventureiro, Carlos também tinha herdado uma grande quantia de dinheiro dos seus pais e, sendo um amante das letras e do jornalismo, decidiu financiar a publicação do livro daquela mulher que tanto o fascinava. Os dois pediram ajuda a um amigo que mantinha uma imprensa clandestina, onde produzia jornais semanalmente. Jojo dizia que recorreu à clandestinidade, pois sabia que a censura nunca deixaria que o seu livro fosse publicado, já que nele ela criticava Portugal e dizia a verdade sobre a época dos Descobrimentos, algo que Salazar tentava esconder constantemente.

O livro foi publicado e vendido de forma muito sutil, fazendo de tudo para que aquela obra, que requereu muito de vovó, não caísse nas mãos erradas. Mas, por ironia do destino, um vizinho que não simpatizava com os meus avós soube da existência do livro e denunciou a minha avó à PIDE. E, numa bela madrugada, soaram batidas na porta e a PIDE invadiu a casa. Eram dois agentes, reviraram as prateleiras e os armários, mas não encontraram nada. Os meus avós sempre foram muito espertos e nunca mantinham nenhum livro ou panfleto que os pudesse incriminar como elementos “subversivos” e “inimigos do Estado”. O único livro perigoso era o de vovó, que ela

mantinha, orgulhosamente, na gaveta da mesinha de cabeceira que ficava ao lado da cama. Um dos agentes encontrou o livro, e isso foi o bastante para que vovó fosse levada e vovô ficasse à porta de casa, em desespero e sem saber o que fazer vendo a sua mulher ser levada sem mais nem menos para só Deus sabe onde.

Apesar de adorar histórias muito detalhadas, Jojo nunca contou grande coisa sobre os dois meses em que ficou presa no Aljube. Eu só sei que ela dormia muito mal, ouvia barulhos até quando tudo o que se ouvia era o silêncio, a tortura era constante, não era só quando era chamada para a sala de interrogatórios, mas também quando os pontapés feriam o corpo, ou quando os olhos não podiam descansar, quando as pernas, já inchadas, desabavam e levavam consigo o corpo cansado de uma alma que já não aguentava a vida e que só desejava o fim. Dizem que quem conta um conto, aumenta um ponto, mas lembro-me perfeitamente de uma das poucas vezes em que vovó contou histórias sobre o seu tempo na prisão, e ela confessou, com lágrimas nos olhos, que desejou estar no inferno, pois não acreditava que poderia haver lugar pior que aquele.

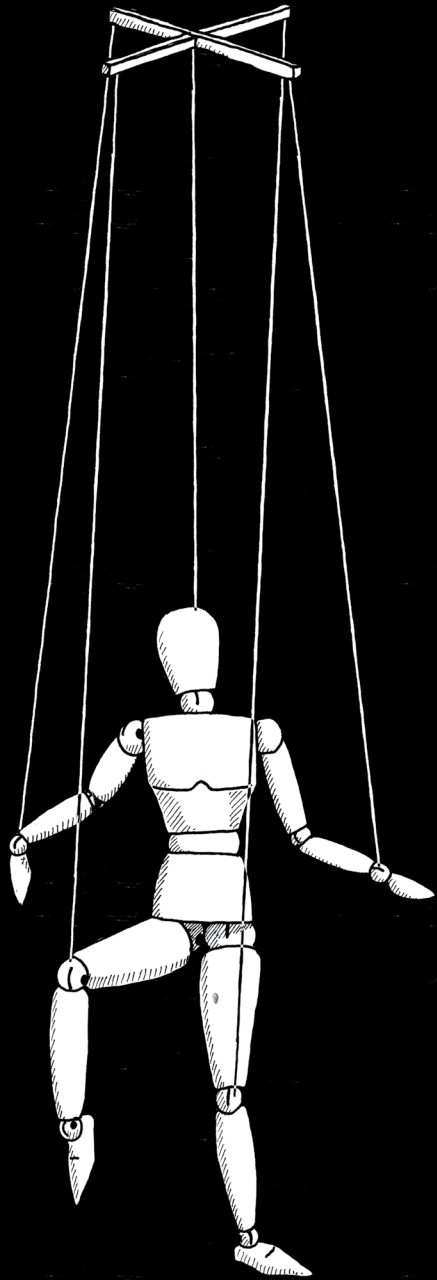
Após dois meses na prisão, vovó foi libertada. Os agentes já não podiam mantê-la lá, já que o livro que escrevera não estava assinado com o seu nome verdadeiro, ela assinou como Mariana das Rosas e nenhuma tortura fez com que confessasse que era ela a autora. Jojo dizia sempre que os dois meses que passou na prisão pareciam 20 anos e que a mulher que entrou por aqueles portões não foi a mesma que saiu. Ela saiu com mais medos, com traumas, saiu mais velha, com menos esperanças. Quando eu estava a arrumar as suas coisas depois da sua morte, encontrei uma carta escrita por ela para o meu avô e, entre muitas palavras, as que mais me entristeceram foram estas: “Esta censura liquidou-me. Já nem sei escrever o que

eles não querem...” Imagino que essas palavras também doeram ao meu avô... ver uma mulher tão cheia de vida e vontade de mudar o mundo com palavras, agora tão desesperançosa, é de partir o coração a qualquer um que ainda o tenha.

Jojo demorou um tempo para se recuperar, para ver o mundo com as cores que via antes e para ter vontade de escrever o que era proibido, vontade de desafiar o sistema e de fazer a sua voz ser ouvida, mas ela só voltou a ser completamente feliz quando a democracia e a liberdade surgiram em Portugal. Vovó sempre disse que depois do dia do nascimento de seus filhos e netos, o dia mais feliz da sua vida foi o 25 de abril de 1974. E é com o primeiro livro dela no colo e com um sorriso no rosto que eu termino de contar a história de uma vida que há dois anos não foi perdida, mas permanece para ser lembrada na eternidade.



SERVIÇOS DE CENSURA
(COMISSÃO DO PORTO)
CORTADO



3.º PRÉMIO / ESCALÃO JOVEM

Divergências de um tempo

DINIS FONSECA

Na bela manhã, a nação unida e pacífica de um tranquilo e humilde país, antes apenas terra, agora Portugal, desfruta de mais um dia calmo. Calmaria trazida pelos grandes, estabelecida pelos chefes deste estado diferente, inovador, salvador, deste estado novo.

Sim, sim, sim.... Posso imaginar que seria assim que desejariam que começasse a minha história. Ainda bem que eu sou eu e não sou eles. Ainda bem que eu faço o que me pertence fazer e não o que querem obrigar-me a fazer. Ainda bem que eu sou um pensador nato e não um fantoche que os entretém. Ainda bem que sou mentalmente livre e não fisicamente preso. Vou começar a minha história da forma que quero, pois liberdade é algo que recuso perder.

Num dos cantos da terra, jaz a olhar o mar um país repleto de gente única, agora governada pela riqueza, pela censura, pelo lápis azul e, principalmente, pelo medo. No meio dessa gente vivem distantemente próximos dois rapazes, Lucas e Artur.

Lucas vive numa grande casa, ricamente decorada e com dois pais falsamente gentis. Artur vive numa casa pequena, com

os bens indispensáveis e com uns pais e um irmão modestamente felizes. A diferença entre os dois é simples. É a distância. Agora perguntam-se a vocês mesmos: “Como assim, a distância?” Pois deixem-me explicar: em todas as monarquias existem os reis e os súbditos; em todas as repúblicas existem os governantes e os governados; em todas as anarquias existem os bons e os maus. Em Portugal existem os que mandam e os que são mandados. Escondidas pelo nevoeiro do progresso social e económico do país, estavam a fome e a opressão, como se de um segredo se tratasse. Na corrida para uma vida boa, Lucas nasceu com a vitória e com a arrogância para abusar dela; já Artur nasceu com uma enorme distância por percorrer.

Na noite do dia 17 de janeiro de 1946, Artur e a sua família chegaram a casa depois de um dia muito cansativo. Passaram o dia todo a trabalhar na horta que garantia o sustento de todos. Eram assim os seus dias desde que fez cinco anos. Agora tem 17, quase 18. Todos, com exceção de um único dia. No dia dos seus anos, dia 20 de janeiro, Artur encontra-se sempre com o seu único amigo, Lucas, com quem partilha, curiosamente, a data de aniversário.

Lucas, diferentemente de Artur, passa os seus dias a estudar política, literatura, poesia, direito, economia e tantas outras matérias, pois tem o objetivo de se tornar um grande político, assim como o seu pai. Os seus dias também são sempre iguais, com exceção do dia dos seus anos, quando ele e a sua família vão para a sua casa de férias, que fica perto da pequena casa do amigo.

No dia 18, Artur e a sua família regressaram a casa cansados. E, no meio do silêncio, Miguel, irmão mais velho de Artur, soltou um grito, nascido no fundo dos seus pulmões e guiado pela raiva: “Estou cansado desta vida de miséria. Estou cansado de Salazar.” O seu pai tapou-lhe a boca rapidamente,

forçado pelo medo. Miguel apercebeu-se, quase de imediato, do erro que cometeu. Silêncio... nada mais estava presente naquela casa senão o silêncio. Os quatro ficaram imóveis durante uma eternidade.

É compreensível a sua raiva e o seu ódio. Passavam dias a trabalhar arduamente para mal conseguirem ter comida na mesa. Todos, naquela casa, partilhavam o mesmo ódio, mas não o podiam manifestar. Se o fizessem, punham em causa a sua liberdade e, talvez, a sua vida. Nessa noite nada aconteceu, mas ninguém conseguiu fechar os olhos e adormecer com medo de serem presos. O maior receio dos portugueses era receberem a visita de um agente da PIDE, pois, caso isso acontecesse, já sabiam o seu destino. Seriam detidos e seguiriam para o Aljube, onde seriam interrogados, julgados e provavelmente enviados para a prisão. No dia seguinte nada aconteceu fora do normal. Felizmente ninguém ouvira o grito de Miguel.

Artur viu, enfim, chegar o tão desejado dia dos seus 18 anos. Pouco depois do almoço, pediu aos pais para ficar o resto do dia no campo e os pais, já prevendo o pedido, entregaram-lhe uma cesta com duas garrafinhas de leite, dois pães e alguma fruta da horta. Artur abraçou-os fortemente e correu para o local do encontro com o amigo.

Ao fundo, o jovem viu uma figura que se foi tornando cada vez mais nítida. Era Lucas que, quando se apercebeu da chegada de Artur, correu alegremente na sua direção. Encontraram-se, então, de novo, depois de um ano separados. Passaram a tarde toda a falar e a divertirem-se juntos. A tarde, recheada de gargalhadas e lembranças, passou lentamente, acompanhando as longas histórias que ambos contavam. Chegou, então, a noite, que trazia consigo tristeza e infelicidade. Ambos pararam e olharam um para o outro. Os dois sabiam que havia chegado

a hora do abraço de despedida. Cada um seguiu o seu caminho, quando, de repente, Artur gritou: “Vem à minha casa para conheceres os meus pais, por favor.” A resposta foi a que esperava: “Claro que vou.”

Os dois dirigiram-se alegremente para casa de Artur. Quando estavam quase a chegar, ouviram gritos e, para grande tristeza de Artur, os seus pais e irmão estavam a ser retirados de sua casa à força. Lucas e Artur correram o mais rápido que conseguiram para tentar ajudar. Viram três agentes da PIDE que estavam ali para levar toda a família para interrogatório, pois tinham recebido uma queixa onde se afirmava que desenvolviam atividades subversivas, de oposição a Salazar e ao seu Governo. Artur ajoelhou-se no chão, imóvel, num estado de puro medo paralisante. Tinham sido denunciados! Umas simples palavras, proferidas pelo irmão num momento de desespero, iriam conduzi-los às prisões da PIDE. Os três agentes prenderam toda a família, e Artur, quando forçado a voltar à realidade pelos empurrões dos agentes, teve de enfrentar uma situação ainda mais devastadora. Lucas, o seu amigo Lucas, ao lado de um dos agentes e com uma expressão nula no rosto, olhava-o fixamente enquanto o levavam, sem nada fazer. A amizade de tantos anos terminou ali, com esta demonstração de superioridade e ódio.

Este mundo é injusto. Os que vivem de luxos ou mesmo aqueles que simplesmente seguem as regras, como se fossem escravos, não percebem o quão triste e errada a vida pode ser. Já os que partilham as casas e as ruas com a fome e com o medo, esses sabem muito bem a verdadeira faceta de Portugal, camuflada e omitida.

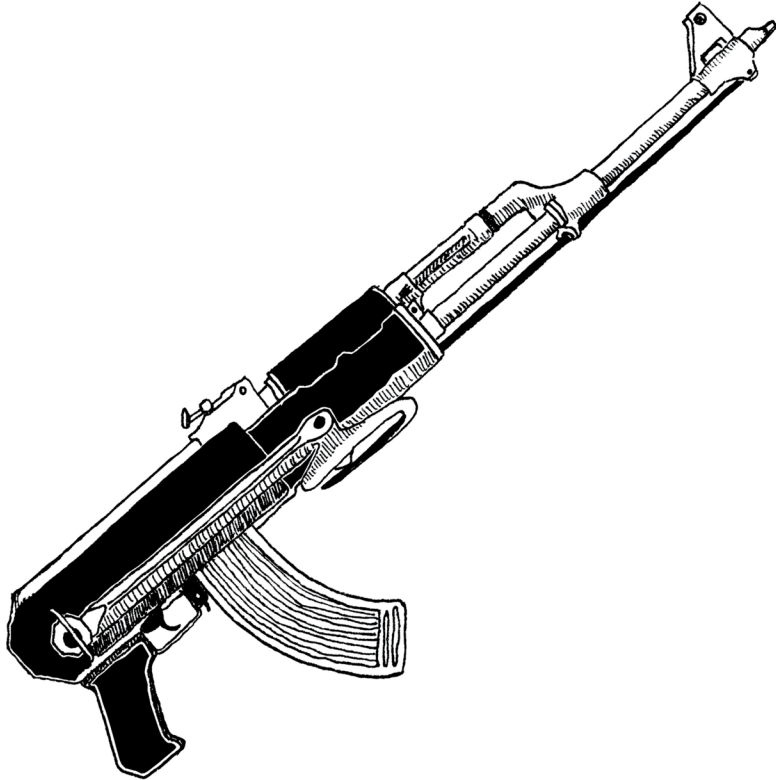
A primeira vez que tentei publicar este conto foi há seis meses e, para espanto meu, não aceitaram publicá-lo. Não compreendi o porquê. Tentei publicá-lo novamente há dois dias.

Outra vez, o meu texto foi censurado. Porquê? Não vejo razão. Este conto mostra a realidade do mundo, nua e crua. Será que o problema foi esse? Dizer a verdade? Falar do omitido? Restar-me a esperança de, um dia, conseguir publicá-lo. E hei de dedicá-lo a Artur, que tanto sofreu às mãos da PIDE, primeiro no Aljube, depois no Forte de Peniche.

6 de junho de 1962

Deixaste-me o coração em Lisboa

ANDREIA COSTA



Escrevo-te aqui de Tete. Nós por cá, todos bem.

Escrevo-te na esperança de que me possas um dia contar mais dos teus dias. Escrevo-te porque, para já, ainda ninguém me roubou essa possibilidade. Mas escrevo-te, acima de tudo, porque sei que quando leres estas linhas sentir-te-ás mais próxima de mim.

Aqui os dias são iguais às noites. Não sabemos muito do que se passa no mundo. E pouco sabemos do que acontece na nossa rua. Não temos televisão e os jornais chegam muito tarde e são poucos. Leio imenso para preencher as horas vazias. Isso dá-me o ânimo suportável para contar os dias que faltam para te ter nos meus braços.

São dias adormecidos, estes. Dormentes.

Escrevo-te aqui de Tete sabendo que o tempo será menos mortiço assim. Espero poder viver tempo suficiente para te olhar e dizer o quanto senti a tua falta.

Nesta guerra de poderes, podemos pouco.

Fazem-nos acreditar que lutamos por uma causa justa. Que somos os bons na luta contra o mal.

Deixei-te ainda não te adivinhava o rosto. A imaginar-te. A sonhar-te, a construir-te um futuro que hoje sei que não existe, pelo menos para mim.

Escrevo-te aqui de Tete a desejar que esta agonia termine e volte a casa. Volte a ti.

São 11 da manhã e o calor que se faz sentir na rua não coincide com a chuva que caiu toda a noite. Aqui os dias começam cedo e acabam cedo também. Existe aqui um fervilhar de gente, de cheiros e de sons.

A calma aparente dá lugar a barulhos estrondosos de espingardas que reclamam vitória. Aqui em Tete estamos esquecidos de todos. Largaram-nos aqui. Talvez um dia nos venham buscar. Talvez um dia possa contar-te mais sobre esta guerra ingrata que nos fez abandonar aqueles que mais amamos. Talvez um dia possa trazer-te aqui e, quem sabe, possamos olhar juntos a terra que nos separou.

Escrevo-te aqui de Tete com o coração em Lisboa.

O pai nunca regressou a casa. Pelo menos vivo. A olhar-me e a abraçar-me como tanto imaginou. Esperei uma vida inteira. Eu e a mãe. Esquecidas numa Lisboa longe da guerra mas só em mapa.

Cresci a ouvir falar de uma guerra lá longe. Cresci a imaginar o rosto do pai que só conheci nas fotografias da mãe. Cresci presa a um lugar em África que nunca cheguei a conhecer, mas onde o meu pai ficou preso para sempre.

Fui ao colo da mãe a gritar liberdade mesmo sem saber o seu significado.

A ficar feliz porque todos ficaram felizes nesse dia de Abril. E lembro-me de a mãe chorar sozinha no meio de tanta gente.

O pai chegou num dia de chuva. Num dia cinzento. Num dia triste. Mas nunca o toquei nem lhe vi o rosto. Foi o

meu herói das composições da escola. O soldado valente e companheiro que muitos recordavam. E sei que era assim mesmo sem o ter conhecido.

Soube-o quando muitos anos mais tarde as cartas que me escreveu chegaram até mim. Um amigo teu guardou-as e cumpriu o teu desejo. Voltaste para mim afinal.

A mãe não gosta de recordar esses dias amargos. Deixaste-nos às duas sem poderes recusar. A mãe devia ser uma pessoa doce e meiga. Vejo isso nas fotos em que tu a olhas enfeitado. Ficou amarga também. Prometeram-me um futuro e eu fiquei a viver no passado. A minha vida foi feita de esperas. De relatos. De tristeza. De dias do pai sem pai. De Natais sem pai. De festas de anos sem pai. De filhos sem avô.

Do 25 de Abril sei o que aprendi na escola e nos livros de História. A vida ensinou-me mais. Sei da luta e da coragem que os livros não mostram. Sei de vidas como a minha de que ninguém fala. Sei da dor de perder alguém querido mesmo sem o ter conhecido.

Querida filha, escrevo-te aqui de Tete uma vez mais. Sei que Zum dia chegarei a casa. De volta a um país diferente, sem mordidas nem perseguições. Que um dia falará mais alto a voz de todos quantos anseiam viver livres. Vou poder ensinar-te tanto. Leremos juntos os livros que agora nos roubam. Vaguearemos por ruas como campos livres. Foi por isto que esperei sempre, mesmo sem te conhecer ainda.

Fui pai muito antes de teres nascido, mas soube-o muito depois de teres nascido. A notícia chegou a mim algumas semanas mais tarde. Recordarei sempre a alegria profunda que senti e a tristeza infinita com que vivo o resto dos meus dias.

Doce pai. Nunca saberás a tristeza infinita com que vivo desde sempre. Sou a filha de uma revolução sem tréguas.

Aceito o futuro e a liberdade que recebi para que os meus filhos possam viver com o pai presente. Com os valores que me deixaste. Para que neles persista a garra e vontade que tantos tiveram, como tu. De mudar o mundo, sendo nós próprios.

Escrevo-te de Lisboa. Da mesma Lisboa de que tanto tiveste saudades. Da Lisboa que te viu ir embora e te recebeu de coração fechado. Quem sabe com remorsos. Com vergonha.

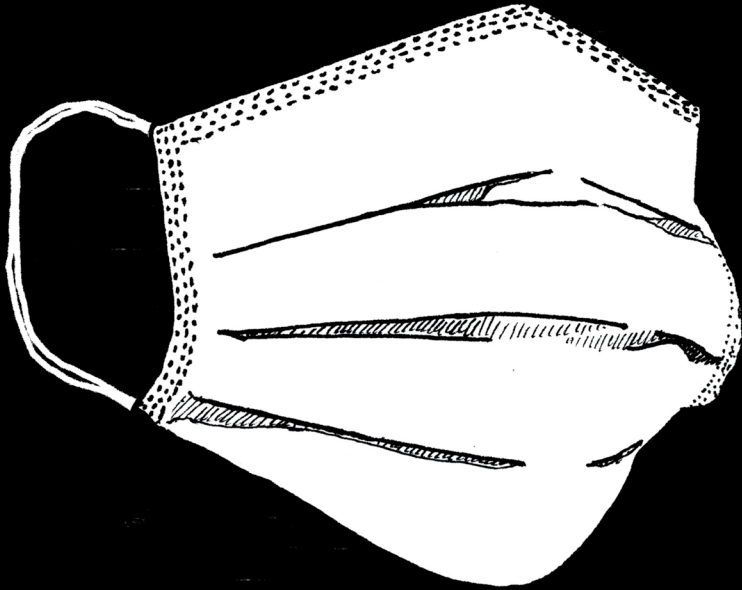
Passeio junto ao Tejo. O mesmo Tejo que nos levou mais longe. E a ti também para longe de mim. Faz frio aqui. O sol da primavera anda envergonhado. Desci até aqui e lembro, o tal dia inteiro e limpo que me levou há alguns anos pelo colo da mãe. Terias gostado de ir connosco. Teria ido ao teu colo. A mãe teria corrido a buscar os cravos que davam pelas ruas. Teria rido, teria pulado. Eu teria gostado.

Chegaste dias mais tarde. Num telefonema oficial. Depois numa carta. E mais tarde aprisionado numa caixa. Só depois as tuas linhas, anos mais tarde. Escreveste-me de Tete. Obrigada. Nós por cá, todos bem.



A clave de sol

MARIA JORGETE TEIXEIRA



O movimento redondo do dedo, a leve tracção contra as portas da cabine de duche, a humidade que amolece. Curva à esquerda, desce e senta-se na última linha, como uma nádega que descansa, sobe, curva à direita, parece um véu que dança, desce vertiginosamente, cruza todas as linhas, acaba em êxtase com um requiebro de vírgula. Júlia deixou de desenhar claves de sol quando o vapor embaciava o vidro e ela gozava a volúpia da água a acariciar-lhe a nuca e as costas. A clave de sol, também chamada de ginoclave ou de clave feminina era, de facto, um corpo de mulher. Harmonioso, suave.

Não o seu! Tão cheio de lombas.

Ela dobra levemente a cabeça, a água entra-lhe no orifício auricular, os olhos fecham e vai escorregando devagar.

Senta-se, as mãos a enlaçar os joelhos, momentaneamente segura na bolha de ar húmido e quente.

Encosta a cabeça ao vidro. Nos rios que vão correndo até à base está escrito um caminho, a forma de ludibriar as sombras. Tantos pensamentos ficaram presos nesses riscos, tantos diálogos, tantas decisões.

Tanta luta, tanta derrota, tanta esperança!

O seu ofício é lidar com as palavras. Dá-se bem com elas, mas não as pode usar à vontade.

O último livro de poemas que mandara para edição vinha mutilado. Acharam-no contra a moral, atentatório das boas normas e da decência. Alguns poemas tinham uma cruz por cima. Eliminados por completo. Aos outros, os censores retalharam-nos com o traço grosso do lápis azul. Era como se lhe amputassem a mão.

Moreira tinha-lhe confidenciado que o pide rosnara entre dentes:

— Ainda por cima escrito por uma mulher! Você sabe se é casada?

— Não é.

— Logo vi, falta de um homem que a ponha no lugar! Putas comunistas!

Escrevia muitas vezes no ar, compondo as frases na cabeça. Era quando as sentia mais perfeitas. Tinha de ser rápida a passa-las para o papel. Se não o fizesse logo, ia-se a magia.

Tentou compor um poema enquanto se secava esfregando a toalha pelas redondezas da pele:

*Um traço desenha grades
de palavras aprisionadas
Nos cabelos molhados
pássaros azuis se afogam.*

Não lhe agradou e rasgou-o da memória.

Ela sabe que “eles” lhe andam no encalço. Foi sinalizada e pronto! O caminho estava aberto para ao mínimo deslize lhe deitarem a mão. Como deitaram a outras.

Queria ter a ousadia das três Marias, Horta, Velho da Costa e Barreno, que tiveram a coragem de afrontar o regime e por isso foram julgadas e por isso se levantou o país e os poderosos e um patriarcado caduco e conservador estremeceram já em estertor.

Moreira ainda lhe disse, entre a fúria e o enfado:

— Escreve sobre outra coisa, porra! Pões em cheque a editora e eu é que me lixo!

Interessa ter uma relação com os gajos, pá! Mesmo para que vocês, os intelectuais, possam continuar a escrever.

Júlia não se considerava intelectual e muito menos com alguma relevância. Publicou um romance ao jeito neo-realista onde teve de mascarar as ideias consideradas subversivas e dois pequenos livros de poemas. Aquele era o terceiro.

Cansada de tanto rasurar, de se auto-censurar, começa a achar sensaborão o que escreve. Levou tanto tempo a recalcar as palavras, a substituí-las, a tirar-lhes o ferrão ou a lascívia que já não as conseguia escrever mesmo que fosse só para si. É certo que de quando em vez lhe agrada o jogo de os enganar. Alguns são iletrados e pouco inteligentes. Conseguem dar-lhes a volta com metáforas veladas, com ironias várias. Em outras alturas chumbam o que é inofensivo.

Hoje está no limite da saturação, apetece-lhe escrever sem limites nem imposições. Vai tentar recuperar as palavras interditas.

Aconchega-se ao cadeirão de verga, põe os pés em cima, os cotovelos nos joelhos, as mãos na cara. Depois, lentamente, desdobra-se. O formigueiro no sangue que vai chegando aos braços e daí às mãos. Júlia escreve no caderno de argolas de capa forrada a chita.

No movimento de forma pausada goza cada segundo da curva feita pela tinta sobre as linhas. A volúpia das palavras

a introduzir a ideia, as personagens a formarem-se, a acomodarem-se lentamente, a entrarem no silêncio das páginas em branco.

Queria decidir o ritmo em que a narrativa se ia desenvolvendo. Lutar contra a vontade das palavras insubmissas. E, ao mesmo tempo, deixar que a urgência da escrita a arrastasse como numa bebedeira.

As janelas da marquise. Iluminam as páginas e assim não precisa de pôr os óculos de ver ao perto. O espaço é reduzido. Três metros por um, o suficiente para caber o cadeirão no canto. Aquela é uma hora calma onde cai a doçura do fim de tarde do mês de Abril.

Júlia ainda não sabe, mas será longa e fecunda aquela noite.

* * *

Tornara-se estranho. Num segundo tudo tinha mudado. Fomos deitar-nos tendo na ideia um horizonte cortado e acordámos com um ar tão aberto que em golfadas o sorvíamos sem saber como lidar com essa súbita liberdade.

Procurámos nas ruas a resposta da mudança do país onde tínhamos crescido e indagámos do destino dos facínoras que odiávamos. De repente já não estavam lá. De repente já não precisávamos de nos esconder, já não tínhamos medo. De repente já não precisávamos de sair pela calada da noite para fazer as pichagens dos muros e nas madrugadas breves deixar à porta do Metro os panfletos que incendiavam a urbe. De repente os nossos amigos ou namorados não teriam de fugir para França para se livrarem de morrer nos pântanos da Guiné ou nas savanas de Angola.

Fariamos ainda reuniões. O que diríamos, o que defenderíamos então?

Saberei eu tornar a usar as palavras interditas? As frases cheias a correr sem limites, a erva fresca, a leveza das palavras como um corpo nu e livre?

Saberei escrever agora que os meus dedos não terão anilhas a apertar-lhes a seiva?

Procuo os versos antigos e espartilhados e outras rimas aparecem a gargalhar como afasta-fantasmas ao vento.

Em cima o céu não tem fim. Ainda não sei que palavras encontrarei nesta cidade cheia de lugares onde a gente se acumula, gesticulando e entoando canções. Nos fios da electricidade, por cima de mim, vislumbro braços de onde pendem fitas azuis. Diferentes tecidos gastos, pedaços de gaze que se desprendem e como notas de música vão subindo, volteando até caírem sobre mim.

No escuro fogem os abutres. As famílias dos gestores dos bancos, das grandes fábricas, dos latifundiários. Tratam de reunir os maços de notas, enfiam-nas em malas, transferem-nas para paraísos fiscais na Suíça e escapam para bem longe. Brasil, Venezuela, Estados Unidos.

Os ovos da serpente maldita morrerão aqui e agora, espezinhados pelos vivos e pelos mortos que se levantam.

Um tempo novo erguia-se e era preciso inventar novas formas de fazer as coisas. De início olhávamos uns para os outros e discutíamos muito, esperámos aquela reviravolta anos a fio, gerações atrás de gerações e de repente tínhamos a cidade na mão e não sabíamos o que fazer. O povo enchia as ruas e era único o seu querer e as bandeiras que empunhavam.

Filas de punhos erguidos, som de passos nas avenidas, vozes unidas em novas canções. Não se sabe de onde surgiram aquelas frases, se foram inventadas apenas naquela noite, se tinham estado hibernadas e o calor das vozes as despertaram, se foram formadas nas catacumbas húmidas, nos lamentos dos prisioneiros que nunca perderam a esperança.

Vou passando e recolhendo a visão da gente ululante e feliz.

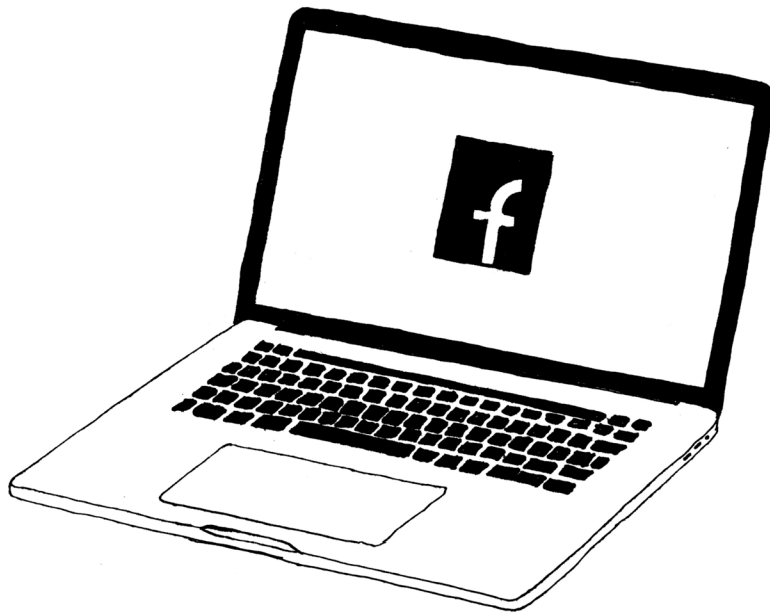
Aos poucos o peito apazigua-se, sinto o calor entrar nas veias, direito ao coração.

Uma grande chave de sol se desenhava, ia-se erguendo, redonda e farta como o meu corpo. Pousava nas cinco linhas de uma pauta que abraçava a rua. E as palavras proibidas como como laranjas maduras brilharam livres ao sol daquele dia.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Quantas caras tem a censura?

JOSÉ P. GONÇALVES



O rastilho estava pronto a deflagrar. O ar, disfarçado de calma, atingira o ponto crítico de uma ebulição imprevista. Mas Serafim não desconfiou de nada. E ali ficara, por instantes, deitado no chão de soalho, totalmente vulnerável.

Uma combinação aleatória de coincidências produziu um barulho redobrado que ecoava ainda por toda a casa. Primeiro, foi um toque estridente de campainha, alguém que carregava repetida e prolongadamente no botão do segundo andar esquerdo. Segundos depois, o velho telefone preto vibrava em cima da mesa, desferindo urros e golfadas sinistras de sons dissonantes, quebrando o seu ostensivo e habitual mutismo. Desprevenido e em sobressalto, Serafim suspendeu a leitura, levantou-se da cadeira em que estivera sentado e foi espreitar pelas cortinas da janela. Não identificou nada de suspeito, avistando apenas uns miúdos a correr pela rua fora. Voltou rapidamente à secretária para atender o telefone e calar de vez a emissão daqueles silvos desbragados. Nessa apressada precipitação, desequilibrou-se e, na queda, arrastou consigo o auscultador até ao chão. O ruído das campainhas terminara,

mas o fio estava pendurado e um som intermitente indicava uma chamada interrompida. Raios partam o telefone!

Serafim agarrava ainda o livro proibido que estivera a ler, um exemplar em francês ("*L'âge de raison*"), de Jean-Paul Sartre. Tentava escondê-lo debaixo do tapete, enquanto fazia esforços para se erguer. Não podia mostrar aquele livro a ninguém, nem sequer à família. Ainda dorido, levantou-se e repôs o auscultador no descanso. Depois, abriu a última gaveta da secretária, deslocou o fundo falso e voltou a colocar o livro no lugar secreto. Passados poucos minutos, ouviu-se outra vez a campainha do telefone. Atendeu ao primeiro toque. Estou, sim, quem fala? Do outro lado, quando o interlocutor o cumprimentou, Serafim reconheceu a voz do diretor do Jornal onde ambos trabalhavam. Ficou um pouco mais descansado e limitou-se a escutar aquilo que o chefe ia dizendo. Ouve, vou direto ao assunto. Há um problema com o texto. Preciso que venhas à redação com urgência!

Terminada a conversa, Serafim saiu de casa e dirigiu-se à sede do Jornal. Enquanto percorria as ruas estreitas do Bairro Alto, os prédios decrepitos desfilando no seu olhar distraído, ia matutando sobre o motivo daquela convocatória. Ele era conhecido como autor de crónicas, e todos os sábados tinha uma crónica publicada nesse Jornal de grande tiragem. Estava-se no início dos anos 70, as promessas de maior liberdade de expressão afogaram-se nas intenções e ele sentia na pele as dificuldades crescentes em fazer aprovar os seus textos na comissão de censura prévia. Apesar da juventude dos seus 28 anos, era um tipo interessado, estudioso e atento ao que ia ocorrendo no país e no mundo. Não obstante os cortes pontuais, e sendo forçado a abdicar, aqui e ali, de algumas frases que não transpunham o crivo dos censores, tinha conseguido desenvolver uma forma

de escrita muito própria. Adaptara-se a essas exigências e o seu desafio era fazer passar a mensagem que pretendia transmitir, mesmo recorrendo a muitos artifícios. Utilizava metáforas, parábolas, pequenas histórias do quotidiano. Ele acreditava que a intenção do seu pensamento estava patente, mesmo que circulasse nas entrelinhas. Mas então, o que teria acontecido desta vez? Um problema no texto? Sim, ele tinha escrito um trabalho sobre a guerra colonial, mas rodeara-se de extremos cuidados. Tivera de se conter (com muito esforço), para não deixar extravasar toda a revolta acumulada. Parecia-lhe um texto quase banal, sobre um assunto de que toda a gente falava... O problema não poderia estar ali. O que seria, então? Acelerou o passo e, instantes depois, entrava no gabinete da direção. A porta fechou-se. Quase em surdina, o diretor foi falando. Sabes que fui chamado à Administração? A tua última crónica foi integralmente cortada... Nunca tal tinha acontecido, mas os censores andam encarniçados! Serafim, de olhar incrédulo, mal podia acreditar. Nada a fazer, portanto. Nesse caso, disse ele, vou fazer um texto sobre o cantor e instrumentista recentemente falecido, Louis Armstrong. Como a comissão de censura deve ter poucos conhecimentos de música, ainda pensam que o texto se refere ao astronauta americano que foi à Lua...

* * *

Alguns anos passaram. A Revolução dos Cravos tinha eclodido. Serafim ainda guarda as crónicas que escreveu sobre esses tempos gloriosos. E mantém igualmente a sua velha máquina de escrever Olympia, que serviu para dactilografar esses textos épicos. Continuou a colaborar no Jornal, podendo escrever sem qualquer restrição, abolidas que estavam as limitações

impostas durante a censura marcelista. Os primeiros anos foram de euforia, mas uma certa estranheza se instalava pouco a pouco. Já não era preciso fintar, driblar, tornear... Sem obstáculos aparentes, e após aqueles momentos de explosão, os dias ficavam progressivamente mais cinzentos. E agora, Serafim? As crónicas continuaram a ter o seu espaço, mas o brilho esmorecia. Os jornais perdiam leitores, a televisão e as rádios ganhavam audiência. Nos anos 90, o Jornal encerrou definitivamente.

Serafim foi convidado para participar num novo projeto jornalístico. E aceitou. Ainda acreditava no poder da palavra impressa, no prazer de folhear e ler as páginas em papel. E manteve as crónicas semanais, afinal o estilo e o género que melhor lhe assentavam. Escrevia os textos no computador, focando temas da actualidade, tratando, muitas vezes, de aspectos da política. Mas as tiragens diminuía, muitos projetos eram absorvidos ou encerravam. Um dia, o novo chefe de redação veio falar com ele. Começou por dizer que apreciavam o seu trabalho. E foi dizendo também que havia pressões da administração para que não se criticasse certas decisões políticas, ministros, homens de negócios... Não era bom andar sempre a “malhar” no Governo! Serafim voltou para casa e passou o resto do dia a remoer sobre aquelas palavras. Não estava de todo surpreendido, pois há muito que ele vinha percebendo que o fantasma da censura ameaçava ressuscitar. Traria outra roupagem, porventura mais subtil, mas os estragos até podiam ser piores!

Passou em revista os acontecimentos mais recentes, em que os grupos de comunicação social estavam sob controlo de grandes empresários, alguns com obscuras ligações ao(s) partido(s) do Governo...

Aguentou-se até à viragem do século, assistindo, apreensivo, às mudanças tecnológicas e seus efeitos na sociedade.

Desgastado com aquela sensação de censura latente, abandonou o ofício e aposentou-se. Tinha agora o tempo e a liberdade de escrever o que lhe desse na real gana, sem chefes e patrões a darem ordens! Tinha 64 anos, sentia-se com energias e capacidade de intervenção. Aproveitou as vantagens da Internet e criou um blogue. Chamou-lhe “Cronicando”. Era o seu espaço de reflexão, sem imposições nem horários. Parecia motivado e lia com interesse os comentários e sugestões dos leitores. Estava convencido da bonomia deste espaço, onde a censura não tinha lugar, até ao dia em que... escreveu um texto sobre futebol! Na sequência desse artigo, em que condenava a violência que ocorria entre adeptos de clubes rivais, recebeu vários comentários insultuosos, alguns deles em tom ameaçador e provocatório. Ainda respondeu educadamente a dois ou três, mas acabou por desistir. Percebeu logo que qualquer esforço era inútil. Equacionou inibir os comentários, mas essa medida representaria uma nova censura, algo que ele nunca poderia admitir! O que vou então fazer? Deixar de falar em assuntos polémicos? Nem pensar! Isso seria autocensura. “Lápis azul” nunca mais!

* * *

Os anos avançam, imparáveis, e as novidades impõem-se, umas vezes para ficar, outras vezes para um êxito efémero. Quando o desconforto proporcionado pelo blogue se sobrepôs ao prazer da escrita, acabou com aquele espaço. Despediu-se com ironia, como se fosse uma lápide: Aqui jaz o “Cronicando”, morto por exaustão e asfixia, no ano da graça de 2008... Depois, veio o tempo da expansão das redes sociais e Serafim não quis ficar de fora. Embora desconfiado, abriu uma página no Facebook, concedendo a si próprio uma nova oportunidade.

Criou um perfil “conservador” em que apenas os “amigos” tinham acesso ao conteúdo. Publicava ocasionalmente pequenos textos e fotografias. A propósito de uma publicação sobre animais de companhia, ousou exprimir a opinião de que algumas pessoas (ou talvez muitas) tratavam melhor os seus cães do que a própria família. Tal posição desencadeou críticas acasas! “Amigos” virtuais não tardaram a reagir de modo acintoso. E até alguns amigos e conhecidos se pronunciaram de forma depreciativa... Serafim assistia, atónito, a resmas de comentários desagradáveis. E agora, como suportar tudo isso sem vacilar? Deveria “desamigar” alguém? Bloquear? Deixar de escrever e publicar? Uma breve incomodidade trouxe-lhe uma certeza reforçada: a defesa intransigente da palavra! Ele sabia que a censura se travestia de mil caras e outros tantos disfarces, mas estava determinado a não ceder. Inevitavelmente, Serafim, como o próprio nome anunciava, teria um fim. Até lá, haveria de gritar, rangendo os dentes, a todas essas tentativas de censura: “NÃO PASSARÃO”!

EXAME PRÉVIO
PROIBIDO
COMISSÃO DO PORTO



Em nome de todos nós

FILOMENA GASPAR

Os passos aproximavam-se, pesados, disciplinados, sinistros. Aterrorizados, eles dispersaram e a noite deu-lhes guarnição no seu negro manto. Cúmplice, a Lua apagou-se, transformando-os em sombras disformes vagueando ao sabor do medo por ruas e ruelas, fugindo, esquivando-se, gesticulando, sussurrando...

O que liderava decide, cochichando: — Camaradas, este pátio foi descoberto, já não é seguro – passamos ao outro plano! Vão, sempre dois a dois mas afastados, não esqueçam!

Ofegantes, reagruparam-se no beco mais além e de imediato elegeram um vigilante, com o olhar. Recuperaram o fôlego, desapertaram o cordel que amarrava aquele molho de papéis e dividiram-nos entre eles. A pressa e a aflição impediu-os de ver as folhas que tombaram no chão, perdidas para sempre, e de perceberem que ela tinha ficado para trás, que não estava ali, que não fazia parte do grupo (composto por mais de três pessoas!)

Esmagada contra aquela parede, aterrorizada, esperou ouvir aqueles passos tenebrosos afastarem-se, mas em vão – foi a sua ténue sombra projetada no passeio que a denunciou e, quando abriu os olhos, eles estavam na sua frente!

Tentou respirar e não conseguiu... Fracassara na sua tarefa, fora apanhada e os panfletos que segurava traçaram-lhe o destino. — Ao menos o manuscrito está a salvo com os outros!

Ouviu as risadas irónicas e as palavras de escárnio que lhe dirigiam sem vacilar, sem se defender, sem manifestar o terror que lhe ia na alma.

Rodearam-na, bloquearam-lhe o caminho e arrancaram-lhe das mãos os tais papéis. Leram-nos à luz de uma lanterna portátil, a pilhas, e sentenciaram: — Ora bem, vamos lá conversar sobre estas coisas!

Mortificada, olhou em seu redor procurando algum auxílio, algum socorro, mas estava completamente só – à vista não havia ninguém...

Agarrada pelos braços foi arrastada rua abaixo, sobrevoando o asfalto, até junto do carro negro que, pacientemente estacionado e vazio, aguardava passageiros...

Tentando ocupar o espírito, num trejeito sem graça, confortou-se com a ideia da propaganda que já tinha distribuído antes, com o sentimento de dever cumprido. Tinha consciência do seu parco contributo, mas sabia que fora o suficiente para impedir a censura de utilizar o seu “lápiz-azul” naqueles folhetos já entregues, naqueles “jornais” de bairro, clandestinos!

Empurrada para dentro daquele veículo, ocupou o banco de trás ladeada por dois homens que já a interrogavam e esbofetavam. Resignada com a sua sorte, sem arrependimentos nem pesar, fechou os olhos e despediu-se dos seus pais e irmãos, em voz baixa e rouca; (re)visitou os dias inocentes e ingénuos da sua infância e adolescência; recordou as épocas festivas celebradas em família e lembrou as suas amizades e os seus amores, passados e presentes.

O motor do carro roncou – a viagem ia começar...

Já insensível à dor das pancadas e murros que sofria naquele banco traseiro, concentrava-se em descobrir como iria resistir às torturas que a esperavam, como iria aguentar tudo sem denunciar e identificar os elementos do seu grupo. Abdicara da sua própria vida quando abraçou aquela causa e por ela morreria, mas a possibilidade de arrastar alguém consigo consumia-lhe a alma!

E de repente tudo mudou...

Primeiro um violento impacto, o choque inesperado, e depois um silêncio absoluto, fruto da dor, do espanto, da surpresa...

Todos foram abanados, sacudidos, arremessados uns de encontro aos outros, esborrachados contra vidros, bancos, volante – todos ficaram atordoados dentro daquele carro, e num ápice, uma das portas traseiras foi aberta. Empurrando e pontapeando aqueles homens ainda zonzos, levantaram-na daquele assento com fortes puxões e arrastaram-na para a rua. — Depressa, corre já para o sitio que sabes e não pares por nada. Nós já lá vamos ter!

E ela assim fez. Não disse palavra nem agradeceu, que não havia tempo. Tremendo de pavor e de alívio, correu sem sentir as pernas, os pés sem tocar o chão, o rosto molhado, o peito soluçando... Mas ainda os ouviu: — Manel, Quim, Zé, rápido, já para o carro. Isto aqui está feito!

E sem tempo para se recomparam daquele acidente (e muito menos da surpresa daquele ato ousado e das agressões sofridas!), aquelas figuras sinistras, altivas e desprezíveis foram incapazes de impedir o resgate dela, de oferecer resistência, de prender alguém daquele grupo que se pôs em fuga num veículo amolgado, protagonista da noite. E todo aquele cenário montado e macabro se evaporou, tudo se esfumou sem deixar vestígios, como que por magia...

Os passos aproximavam-se, pesados, disciplinados, sinistros, mas desta vez ninguém os ouviria...

Já num outro qualquer sítio da cidade, o grupo (composto por mais de três pessoas!) partilhava entre si panfletos de propaganda revolucionária para serem distribuídos clandestinamente e manuscritos para serem lidos em segredo neste país escravo da opressão, humilhado, doentio, espezinhado... Mas muitas folhas viajariam a “salto” para terras sem ditaduras nem tiranias e delas nasceriam os tais livros, aqueles que seriam publicados sem as garras da censura, sem os cortes do “lápis-azul”.

E ainda num outro qualquer sítio da cidade, este grupo (composto por mais de três pessoas!) nunca mais a perdeu de vista, nunca mais a deixou para trás, e unidos por um ideal maior, ultrapassando todos os riscos e medos, continuaram a lutar pela liberdade em nome de todos nós!



O meu nome é **VANESSA ANTUNES**, tenho 19 anos e sou natural do Barreiro. O meu amor pela escrita começou a crescer nas típicas composições dos testes de português, pois era nesse momento que podia ser criativa e espontânea, e desde então começou a tornar-se uma forma de me libertar do mundo à minha volta.

MARIANA ESSER, nascida em abril de 2003 na cidade do Rio de Janeiro. Sempre fui uma criança extrovertida e feliz e que desenvolveu o gosto pela leitura principalmente por influência de familiares que também nutriam o interesse pela literatura. Quando criança participei de saraus e, em um deles, recitei um poema sobre amizade que tinha escrito. Apesar disso, a escrita só se tornou algo constante em minha vida na adolescência.

Quando completei 15 anos mudei-me para Portugal com os meus tios para diversificar os estudos e alcançar meus sonhos. Apesar da dificuldade e da saudade de casa, neste ano de 2020, com 17 anos, consegui concretizar um grande objetivo e hoje estudo Psicologia no ISCTE-IUL, faculdade e curso que sempre quis. A escrita deste conto foi benéfica em diversos sentidos e a participação neste livro representa uma conquista, inesperada, mesmo assim muito bem-vinda.

DINIS FONSECA, nascido no dia 20 de janeiro de 2002 em Portugal, mais precisamente no Barreiro, onde passou toda a sua infância e adolescência. Filho de pais portugueses e irmão mais velho. Estudou no barreiro até ao ensino secundário, tendo participado neste concurso por influência da escola Secundária de Casquilhos, e presentemente estuda Direito na Faculdade de Direito de Lisboa. Pretende tirar um mestrado e exercer uma carreira jurídica após terminar a licenciatura em Direito.

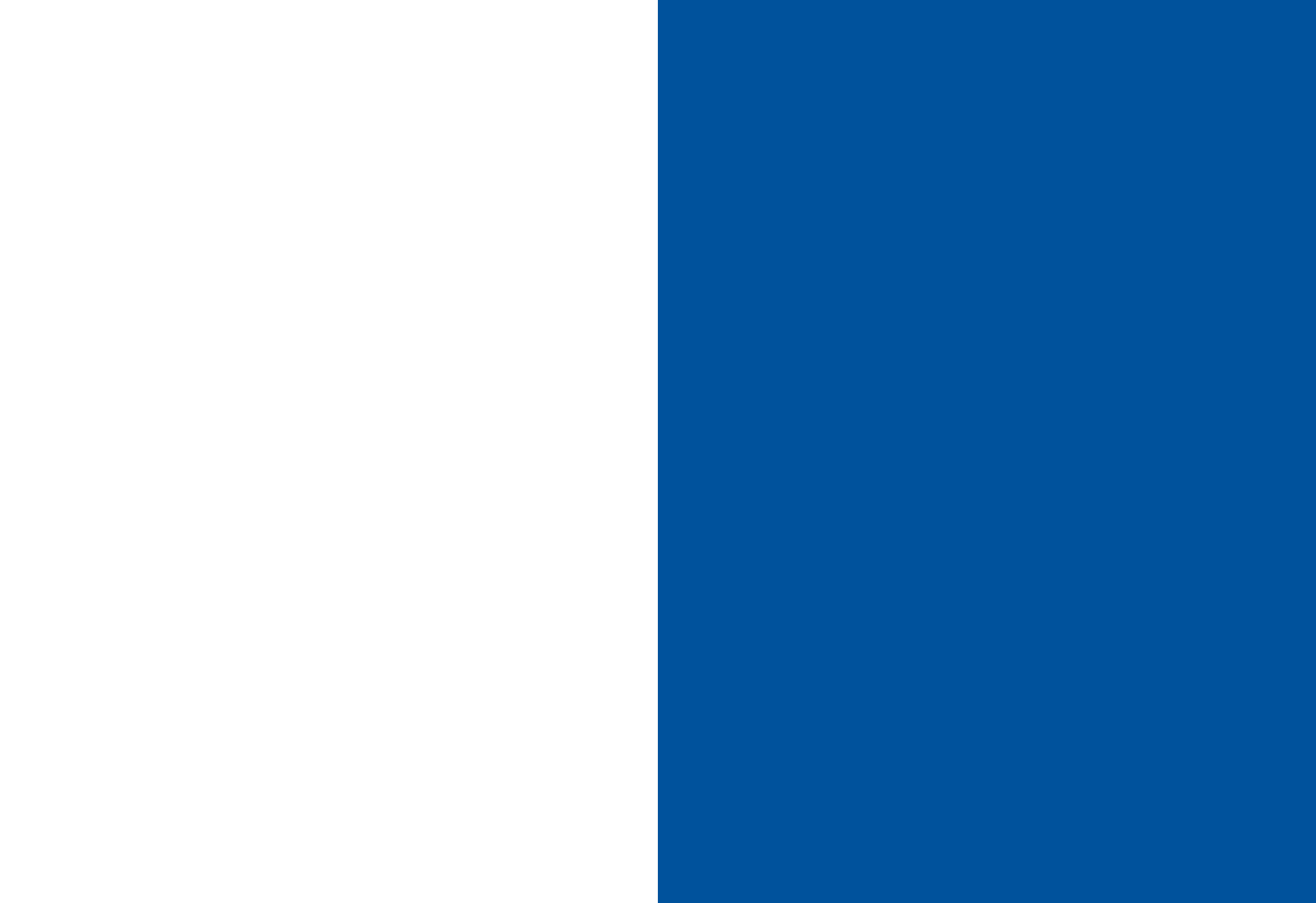
ANDREIA COSTA, 43 anos. Nasci e cresci na margem sul do Tejo, que viria a trocar pelo Alentejo, onde vivo há cerca de 27 anos. Estudei turismo e termalismo na Escola Superior de Educação de Portalegre e desde há 20 anos que trabalho na área de Cultura e Turismo. Definitivamente é o gosto pela leitura e escrita, desde nova, que me cativa. Sempre que posso dedico linhas, em prosa ou poesia, sobre o quotidiano. Um refúgio, se assim se pode chamar. Sou mãe de três filhos e é para eles que reescrevo um mundo melhor. A poesia continua a ser o que me fascina mas a prosa, sempre do lado certo coração, inspira-me. Criei um blogue – “Deste lado aqui” – onde vou reunindo os meus pequenos textos para reler sempre que me apetece. Sou uma sonhadora. Ainda bem.

MARIA JORGETE TEIXEIRA nasceu no Cunene, Angola. Professora aposentada, vive na cidade do Barreiro. Angolana de nascimento, transmontana pelas raízes, alentejana pelo coração, cidadã, mulher e mãe, assim se assume na militância pelas causas que considera justas. Faz parte da direção da AJA e da UMAR. Obras publicadas a solo: *O Coração é Puta Sempre à Espera*, (prosa poética), Alfarroba, 2015; *Mulher à Beira de uma Larga-da de Pombos, à Volta das Canções de José Afonso*, (contos), Alfarroba, 2017; *A Solidão das Dunas*, (poesia), Amazon, 2019. Começou a escrever mais assiduamente a partir de 2009 e tem os seus escritos espalhados por várias antologias, jornais e revistas e também nas redes sociais.

JOSÉ P. GONÇALVES, nascido no Alentejo litoral, corria o ano de 1959. A escola ensinou-me o que podia, naqueles tempos limitados. A biblioteca da Gulbenkian abriu-me outras portas. Espreitei e vi outros mundos. De alguns, gostei. De outros, nem tanto. Essa experiência fez de

minim um leitor firme, mas indisciplinado. Embora seja mais seguro ler as palavras dos outros, por vezes ganho coragem e também escrevo. A timidez, às vezes, arranja estas artimanhas para se mostrar. O acaso dividiu a minha vida em duas grandes partes: a primeira foi passada na minha vila de origem (Santiago do Cacém, agora cidade); a segunda iniciou-se na margem sul do Tejo, em Almada. Sinto-me inquieto e a vida não para de me surpreender. Talvez seja um bom sinal.

Sou a **FILOMENA GASPAS**, tenho 61 anos e fui profissional de seguros em diversas áreas e em diversas seguradoras desde 1978 até 2018. Sempre articulando os estudos com a atividade profissional, entre 2012 / 2015 licenci-me em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em regime pós-laboral, e concluí a pós-graduação em 2017 / 2018, na mesma faculdade. Actualmente aguardo o estatuto de reformada sem qualquer ocupação laboral, do que resulta o desejado tempo livre para dedicar à leitura e à escrita; para assistir a conferências, concertos, bailados, teatro, cinema e tantos outros eventos culturais; para usufruir do ar livre em caminhadas no campo e na praia e também para ser aluna da “TKM-Universidade Sénior D. Sancho I de Almada” e orientadora da disciplina de Sociologia na mesma universidade, em regime de voluntariado, onde tento incentivar o questionamento e despoletar o exercício do pensamento crítico na análise aos problemas da nossa sociedade.



O fim do começo

VANESSA ANTUNES

O silêncio nas palavras

MARIANA ESSER

Divergências de um tempo

DINIS FONSECA

Deixaste-me o coração em Lisboa

ANDREIA COSTA

A clave de sol

MARIA JORGETE TEIXEIRA

Quantas caras tem a censura?

JOSÉ P. GONÇALVES

Em nome de todos nós

FILOMENA GASPAR



MUSEU DO ALJUBE
RESISTÊNCIA
E LIBERDADE

 EGEAC